

## Artesanato tradicional em Oriximiná (Brasil): do inventário ao protagonismo Katxuyana e seus saberes tradicionais

*Traditional Handicraft in Oriximiná (Brasil): From the Inventory to the Protagonism of the Katxuyana People and their Traditional Knowledge*

**Adriana Russi**

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/eces/1768>

DOI: 10.4000/eces.1768

ISSN: 1647-0737

### Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

### Refêrencia eletrónica

Adriana Russi, « Artesanato tradicional em Oriximiná (Brasil): do inventário ao protagonismo Katxuyana e seus saberes tradicionais », *e-cadernos CES* [Online], 21 | 2014, colocado online no dia 01 junho 2014, consultado a 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/eces/1768> ; DOI : 10.4000/eces.1768

---



## ARTESANATO TRADICIONAL EM ORIXIMINÁ (BRASIL): DO INVENTÁRIO AO PROTAGONISMO KATXUYANA E SEUS SABERES TRADICIONAIS

ADRIANA RUSSI

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, BRASIL

**Resumo:** Neste artigo interligamos resultados da pesquisa sobre o artesanato tradicional e seus desdobramentos para a educação. Este trabalho integra um conjunto de ações realizadas no âmbito de um programa de extensão da Universidade Federal Fluminense que vem sendo desenvolvido em Oriximiná, na Amazônia brasileira. Para tanto, damos relevo à experiência do inventário do artesanato em seu aspecto metodológico, sobretudo em sua perspectiva didática. Aqui nos interessa analisar o protagonismo observado entre os índios Katxuyana, que de investigados passaram a sujeitos pesquisadores de seus próprios saberes tradicionais. Abordamos desde a pesquisa do inventário do artesanato realizada entre os anos de 2010 a 2011 às experiências em etnoeducação realizadas pelos Katxuyana entre os anos de 2012 e 2013.

**Palavras-chave:** inventário, artesanato, Oriximiná, Katxuyana, patrimônio.

## TRADITIONAL HANDICRAFT IN ORIXIMINÁ (BRASIL): FROM THE INVENTORY TO THE PROTAGONISM OF THE KATXUYANA PEOPLE AND THEIR TRADITIONAL KNOWLEDGE

**Abstract:** This article relates the research results about traditional handicraft and its outcomes for education. This work integrates a set of actions developed by the Universidade Federal Fluminense's extension program in Oriximiná, the Brazilian Amazonia. Accordingly, we value the handicraft inventory experience in its methodological aspect, especially in a didactic perspective. We are particularly interested in analyzing the central role observed among the Katxuyana Indigenous people, who turned from objects of research into the researchers of their own traditional knowledge. Our approach includes both the research of the handicraft inventory between the years 2010 to 2011 and the experiences in etnoeducation carried out by the Katxuyana between the years 2012 to 2013.

**Keywords:** inventory, handicraft, Oriximiná, Katxuyana, heritage.

## INTRODUÇÃO

A presente reflexão pode ser compreendida como ressonância das políticas internacionais e nacionais para o patrimônio cultural imaterial tais como a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial (UNESCO, 2003), o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial (Brasil, Decreto 3.551/2000). Outro aspecto relevante presente nas diretrizes da política nacional brasileira de preservação do patrimônio cultural trata da participação social, elemento norteador de nossa ação extensionista. Cabe antes de tudo, situar o leitor acerca do Programa Educação Patrimonial em Oriximiná/PA da Universidade Federal Fluminense (UFF).<sup>1</sup> À luz de políticas voltadas ao patrimônio imaterial, desde 2008, o programa se dedica à formação continuada de professores da rede pública oriximinaense sobre saberes tradicionais e patrimônio, o que denominamos etnoeducação. Isso se dá, sobretudo, na medida em que colocamos em pauta a elaboração sistemática de pesquisa de um saber fazer que se desdobrou posteriormente numa das estratégias metodológicas que empregamos na formação continuada de professores. Referimo-nos ao inventário do artesanato tradicional e sobre o qual trataremos mais à frente.

Os princípios norteadores do trabalho em etnoeducação foram sistematizados por Rocha *et al.* (2013). Pensamos a etnoeducação como um todo complexo formado pelas relações entre Antropologia, Educação e Patrimônio. Trata-se de processo educativo inspirado pela etnografia cujo objetivo é o de

[...] contribuir para a formação dos professores da rede pública de ensino, como sujeitos pesquisadores, nas comunidades onde atuam, tendo por fim a sua instrumentalização no processo de construção, em conjunto com os alunos, e de práticas educativas interdisciplinares, fortalecidas por um olhar sensível ao patrimônio cultural local. (Rocha *et al.*, 2013: 55)

Os saberes tradicionais, assim objetivados, são designados pela expressão “patrimônio” mesmo naqueles casos em que não houve processo formal de patrimonialização por parte do Estado. Nas ciências sociais, a questão sobre a noção e o uso da expressão “tradição” desperta posicionamentos antagônicos e debates acalorados que aqui não cabe discutir. Para Grünwald (2012), tradição se sustenta

---

<sup>1</sup> Programa financiado, desde 2011, pelo Edital PROEXT MEC/SESu. O programa tem caráter transdisciplinar e se configura através de uma rede de parceiros interinstitucionais. Na equipe, estão docentes e discentes de diferentes áreas do conhecimento. Sobre o programa ver: Russi e Rocha (2013); Rocha *et al.* (2013); Russi e Rocha (2012a). Outras informações estão disponíveis em [www.patrimociocultural.uff.br](http://www.patrimociocultural.uff.br)

por uma memória coletiva, atualizada de forma prática e que funciona para organizar o passado em relação ao presente. Da mesma forma, os saberes tradicionais são ressignificados e atualizados no presente.

### **BREVE APONTAMENTO SOBRE O INVENTÁRIO DO ARTESANATO TRADICIONAL**

A pesquisa realizada entre os anos de 2010 a 2011 configurou-se num inventário de práticas circunscritas à produção de artefatos que foram identificadas pela expressão “artesanato tradicional”. Denominamos tradicional tomando como referência o modo como esse artesanato foi aprendido, ao longo das gerações de maneira informal, baseado na oralidade ou no ‘aprender fazendo’. Esse inventário, realizado entre moradores do município paraense de Oriximiná, ao Norte do Brasil, configurou-se em pesquisa etnográfica. Consultamos 125 artesãos em 31 comunidades diferentes – ribeirinhos, quilombolas, indígenas e moradores rurais da área do planalto (área de terra firme não inundável). Identificamos 64 tipos de objetos confeccionados com variadas tecnologias: trançado, utensílios de madeira, cerâmica, adornos, tecido. Seu principal objetivo era o levantamento panorâmico de práticas artesanais nas diversas comunidades daquele município paraense. A etnografia foi empregada como principal instrumento teórico/metodológico de coleta e análise dos dados, mas funcionou ainda como estratégia de aproximação de nossa equipe com membros das comunidades, suas lideranças e professores.

O que observamos em muitos lugares em geral e em Oriximiná, em particular, é que vários objetos artesanais cederam espaço a outras formas de produção: os objetos industrializados. Apesar da substituição por tais objetos, os grupos pesquisados continuam a produzir manualmente muitos artefatos para uso diário e para fins comerciais. Esses objetos revestem-se de um valor específico para as comunidades visitadas e seus artesãos se mostraram “materiais de memória” e “referência cultural” em suas comunidades. O inventário, para além do caráter classificatório e do próprio registro do artesanato, mostrou-se importante instrumento no trabalho de formação continuada de educadores da rede pública de Oriximiná numa abordagem metodológica de ensino/aprendizagem, a etnoeducação.

O inventário revelou saberes e fazeres locais; ou seja, um pouco do universo do patrimônio imaterial oriximinaense. Neste sentido, foi um ponto de partida necessário e instrumento que produziu informações e que possibilitou, entre outras coisas, novas pesquisas e ações constitutivas das políticas como aquelas voltadas à preservação do patrimônio cultural, bem como reflexões sobre o significado de algumas categorias de classificação como cultura, tradição, artesanato, educação.

## DO INVENTÁRIO À ETNOEDUCAÇÃO: O CASO KATXUYANA

Nesta secção interessa destacar o aspecto metodológico do inventário, sobretudo em sua perspectiva didática; ou seja, na abordagem da etnoeducação. Em que medida a etnografia tem nos valido para instrumentalizar processos de ensino/aprendizagem que incluam, no cotidiano escolar, pesquisas sobre saberes tradicionais? Como observamos o protagonismo dos sujeitos envolvidos em nosso programa de extensão? Para ilustrar trazemos a experiência que temos observado entre os Katxuyana desde o início de sua participação em nosso programa, em 2010, na época do inventário do artesanato. Se naquele momento os Katxuyana foram sujeitos pesquisados, desde 2012 eles vêm desenvolvendo projetos de etnoeducação em sua escola. Este caso tem sido observado entre os Katxuyana moradores da aldeia *Warahatxa Yowkuru*.

Neste caso, pudemos observar como alguns velhos e líderes Kaxuyana, sujeitos da pesquisa do inventário, dois anos depois, ao continuarem participando de nosso programa elegeram, junto com os alunos Katxuyana, o artesanato como atividade de ensino/aprendizagem na escola formal. Passaram eles de sujeitos investigados a sujeitos conduzindo investigações sobre saberes tradicionais, segundo seus interesses e necessidades. Na aldeia ouvimos, então, jovens afirmando a importância desse aprendizado como imprescindível para que, no futuro, eles também possam transmitir tais saberes aos seus descendentes. Antes, contudo, é importante informar o leitor sobre o contexto cultural onde os Katxuyana estão situados.

Os Katxuyana são ameríndios do grupo Karib que vivem na região do Baixo Amazonas (Brasil) e são falantes da língua katxuyana, um ramo guianense da família linguística Karib (Meira, 2006). Para Denise Grupioni (2010), esse povo se autodenominaria *Purēhno* (gente, pessoa). O nome Katxuyana lhes foi atribuído em função do território que historicamente ocupam. Trata-se de um etnônimo composto de uma raiz fluvial (Kaxu – de Kaxuru, rio Cachorro) e de um sufixo coletivizador (-yana) (Girardi, 2011). Já em 1955, o missionário franciscano alemão Albert Kruse (1955) escreveu que *yana* seria uma expressão que significaria gente de um determinado lugar ou de um determinado rio; assim, Kaxuyana – gente do rio Cachorro. O rio Cachorro é um dos tributários formador do rio Trombetas, afluente da margem esquerda do rio Amazonas.

A Guiana Amerídia, como também é conhecida a região Guianense Oriental, compreende a fronteira norte do Brasil e o Sul da Guiana Francesa, o Suriname e a Guiana. Para Melatti (2011) trata-se de região ocupada por ameríndios das famílias linguísticas tupi-guarani e karib, sendo estes últimos os que predominam na região. A dificuldade encontrada por este antropólogo para organizar uma tabela ou quadro de referência sobre os povos desta região decorre do intenso processo espontâneo e

deliberado de fusão e dispersão que ocorre entre eles. Esse processo de fusão e dispersão nem sempre foi bem compreendido pelos pesquisadores e, nas discussões sobre a região, grande é o embate sobre o tema.

Neste debate sobre os povos ameríndios guianenses, há uma oposição entre teorias centradas na “atomização” desses grupos e outras que identificam o sistema de troca como elemento primordial para a sua própria existência. Na primeira vertente encontram-se trabalhos como os de Gallois (2005), enquanto na segunda vertente despontam trabalhos como os de Rivière (1984).

A migração vivenciada pelos Katxuyana foi analisada por Queiroz e Girardi (2012). Essa sociedade ameríndia, hoje com cerca de 350 pessoas (ISA, 2010), vive no Norte do Brasil e se organiza em 10 aldeias espalhadas nas margens de rios em diferentes localidades: quatro na Terra Indígena Parque do Tumucumaque (no rio Paru de Oeste, estados do Pará e Amapá); no município paraense de Oriximiná, duas estão no rio Cachorro e duas no rio Trombetas, além de mais duas localizadas no rio Nhamundá (no estado do Amazonas). A partir do século XIX, os Katxuyana, bem como outros “índios do Trombetas”, tiveram contatos frequentes com muitos não autóctones. Esses contatos teriam suscitado o desenvolvimento de doenças que dizimaram os povos indígenas daquela região. Acerca da população katxuyana, o que consta na literatura (Frikel, 1970) é que, no ano de 1968, ela era constituída por pouco mais de 60 indivíduos com restritas possibilidades de casamento em função de seu sistema de organização social. Diante de um iminente risco de extinção, eles decidiram abandonar suas terras no rio Cachorro para migrar. Foi nessa ocasião, então, que eles partiram para locais distantes de seu território no rio Cachorro onde passaram a viver por mais de trinta anos com outros povos indígenas Karib em missões religiosas. Apesar disso, eles nunca desistiram do sonho de voltar a reocupar sua região.

Assim, a partir do final dos anos de 1990, alguns Katxuyana decidiram voltar à sua terra no rio Cachorro num lento e complexo processo de regresso, de defesa da cultura katxuyana e de reivindicação de seus direitos. Foi no ano de 2009 que, em razão de nosso programa de extensão, conhecemos os Katxuyana e visitamos pela primeira vez a sua aldeia às margens do rio Cachorro, a aldeia *Warahatxa Yowkuru*, também conhecida como aldeia Santidade. A partir de 2010, os Katxuyana dessa aldeia passaram a participar das atividades de nosso programa. Tratar da pesquisa do artesanato faz sentido, nesse momento em que pretendemos discorrer sobre a escola, na exata medida em que, como dissemos, de pesquisados os Katxuyana passaram a pesquisadores de artesanato, num protagonismo dialógico com nosso programa.

A pesquisa do inventário do artesanato junto aos Katxuyana se deu ao longo de três etapas de campo (duas em 2010 – janeiro e agosto, uma em 2011 – julho)

ocasião em que entrevistamos e acompanhamos, sistematicamente, quatro homens e cinco mulheres desde a identificação da matéria-prima na mata até seu preparo e uso na confecção de diferentes artefatos.

Vimos, por exemplo, Cândido caminhar com sua esposa Maria José pela floresta à procura do *peunê*, semente usada para fazer adornos corporais. Acompanhamos Maria José no longo preparo dessa semente: desde a separação dos galhos dos gomos, que contém as sementes, ao seu cozimento e lavagem no rio, até ao tingimento com elemento vegetal para obtenção de um vermelho encarnado e um preto intenso que alternados à coloração natural da semente – um determinado tom de marrom – possibilitam à artesã uma multiplicidade de alternativas estéticas. Observamos Cândido fazer e, já naquela ocasião, ensinar informalmente um garoto a tecer *wasaha* (jamaxim), artefato usado pelas mulheres para carregarem produtos agrícolas e madeira que extraem na roça. O velho e respeitado Manuel, meticulosamente, preparou um *puahua*, outro artefato cesteiro usado sobretudo pelos homens para acondicionarem objetos de caça e pesca. O jovem solteiro Isaías e o já maduro Antônio respectivamente mostraram diferentes entretrançados com tala de arumã para a confecção do *manare* (peneira) e da *ahata* (cesto). Acompanhamos as velhas Mariinha e Nazaré e também Patrícia a confeccionarem coloridas tangas e cintos de miçangas. A velha Isabel, pacientemente, nos mostrou como se faz a tecelagem do algodão: do descaroçamento à fiação de um fino fio empregado no tecido de redes e tipoias para carregar criança a tiracolo.

O registro desses saberes incluiu centenas de fotografias e audiovisuais. Todo o trabalho do inventário, não apenas aquele realizado entre os Katxuyana, foi sintetizado e gerou uma publicação impressa, o *Inventário do artesanato tradicional de Oriximiná/PA* (Russi e Rocha, 2012b), que foi distribuído gratuitamente a todas as escolas da rede pública daquele município. Esse material, visto e revisto pelos moradores da aldeia *Warahatxa Yowkuru*, tem sido apropriado de diferentes formas, como material didático, por exemplo.

Esse livro sobre o artesanato também tem sido empregado em nossas oficinas de formação continuada de professores em Oriximiná com duplo sentido. Um deles, o de divulgar os saberes sobre práticas artesanais, às vezes, desconhecidas dos professores, o outro se volta à análise da própria etnografia e de sua potencialidade na prática da etnoeducação. O saber fazer do artesanato, tão associado ao cotidiano de muitos homens e mulheres, ao ser objetivado e sistematizado num inventário e materializado numa publicação chamou a atenção não apenas de professores oriundos de outras comunidades, mas também de alguns artesãos que se encantaram ao verem suas fotos e objetos no livro. O outro sentido dessa pesquisa se revela

durante nossos encontros com os professores quando, ao tratarmos de temas como etnografia, inventário, pesquisa sobre saberes tradicionais tal metodologia (a do inventário) é acionada em seu caráter didático – quer para os professores quer para os discentes de graduação que integram a equipe de nosso programa. Assim, vejamos como os Kaxuyana têm dado prosseguimento à ideia do inventário.

### **DO INVENTÁRIO PARA A ESCOLA, DA ESCOLA PARA A COMUNIDADE**

No ano de 2011, a população da aldeia katxuyana era compunha-se de 62 indivíduos, sendo que 59% deles tinham menos de 14 anos de idade. Um aspecto relevante a ser apontado é o fato de que mais de 50% da população frequentava a escola. A escola de ensino fundamental Matxuwaya recebeu esse nome em homenagem a um de seus antigos líderes Juventino Matxuwaya. As experiências da etnoeducação entre os Katxuyana se iniciou em 2012. Até àquele ano, tanto o 1.º quanto o 2.º segmento do ensino fundamental funcionavam numa grande casa comunal circular de cobertura cônica feita em palha trançada, a tradicional *tamiriki*. Naquele ano, construíram uma igreja e o 1.º segmento do ensino fundamental passou suas aulas para esse novo espaço. Na *tamiriki* mantiveram as aulas do 2.º segmento do ensino fundamental. No caso dos alunos do 2.º segmento segundo segmento, não havia separação entre eles em decorrência de possíveis defasagens idade/série, como é comum ocorrer em escolas brasileiras.<sup>2</sup> Na mesma sala, estudavam alunos de diferentes séries, convivendo, então, adolescentes solteiros e homens e mulheres casados com filhos.

Desde que abriram a aldeia *Warahatxa Yowkuru*, em setembro 2003, e, talvez muito antes disso, os Katxuyana vivem um processo complexo de valorização de sua cultura que aqui não cabe detalhar.<sup>3</sup> Importante, contudo, é o fato de que, a partir de 2012, o professor da escola da aldeia e também seu *pata yotono*,<sup>4</sup> seu líder, Mauro Mühako, tem participado das oficinas e encontros de nosso programa para a formação continuada de professores, ou melhor, para a formação de professores/pesquisadores (etnoeducadores). Nesses encontros, discutimos com os professores sua ação como sujeitos autônomos e protagonistas no desenvolvimento com seus alunos e membros da comunidade e sobre projetos voltados à pesquisa de saberes locais. Assim, a partir de abordagens metodológicas inspiradas na etnografia, professores e alunos, de comum acordo, elegem um aspecto da cultura tradicional que desejam investigar. O espaço escolar entre os Katxuyana nos parece *locus* para o ensino/a aprendizagem

---

<sup>2</sup> Fazemos referência principalmente a EJA – Educação de Jovens e Adultos, segmento do ensino fundamental voltado a alunos jovens e adultos que estariam em série escolar defasada em relação à idade. Em muitos casos a EJA tem horário de funcionamento diferenciado na escola.

<sup>3</sup> Sobre o processo de valorização cultural vivenciado pelos Katxuyana ver Russi (2014).

<sup>4</sup> *Pata* = aldeia, *yotono* = dono, literalmente o dono da aldeia, o chefe da aldeia.



não apenas de conteúdos programáticos, os ditos saberes acadêmicos organizados separadamente por áreas de conhecimento em livros didáticos. Neste sentido, a figura do professor e também *pata yotono* da aldeia chama nossa atenção. Oficialmente, professor do 1.º segmento e responsável pelas aulas de língua e cultura katxuyana, Mauro tem conduzido de forma coletiva e compartilhada os projetos em etnoeducação e patrimônio. Em 2012, vimos acontecer projetos que contemplaram temas escolhidos por grupos de gênero – os rapazes fizeram um projeto sobre caça e pesca e as moças escolheram como tema a pintura corporal.

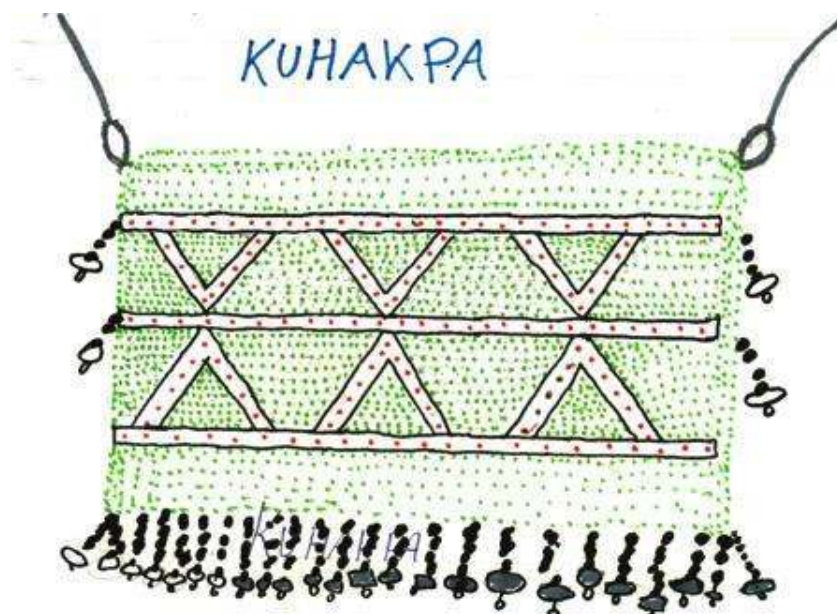
Dessa mesma forma, em 2013, Mauro, juntamente com alguns velhos como seu pai João do Vale, o já citado velho Manuel e outros, elegeu, com a concordância dos alunos do 2.º segmento do ensino fundamental, o tema *tikahsomĩ* (artesanato) para o desenvolvimento de um projeto em etnoeducação na escola. O projeto *Tikahsomĩ: enwo etome enuikatome anayatawĩ* (Artesanato: saber fazer para ensinar no futuro) teve como objetivos: 1. *pirehno wosomukatohu tikansontom hoko* (para a pessoa saber fazer artesanato), 2. *yonwo etome anayatawĩ mĩrehtxinton yomukatome wĩya* (para saber fazer e ensinar meus filhos no futuro).

O projeto foi desenvolvido principalmente durante as férias escolares pelos próprios alunos, sendo que o professor Mauro orientou o início do processo e acompanhou as etapas finais. Os alunos katxuyana envolvidos no projeto foram duas moças (Edna e Lessiane) e quatro rapazes (Isaias, Josivan, Renan e Calixto). Cada um deles escolheu um tipo de artefato que gostaria de aprender. Assim, apenas para ilustrar, Edna decidiu aprender a tecer tanga de miçanga com padrão *kuhakpa* (Figura I e Desenho I), o mesmo padrão da pintura corporal que fez parte do projeto da escola no ano anterior e Calixto escolheu confeccionar um artefato trançado, o *putumu* (tipiti).



**FIGURA I – Tanga com padrão *kuhakpa* da aluna Edna, resultado do aprendizado da técnica de tecelagem com miçangas coloridas**

Fonte: Adriana Russi



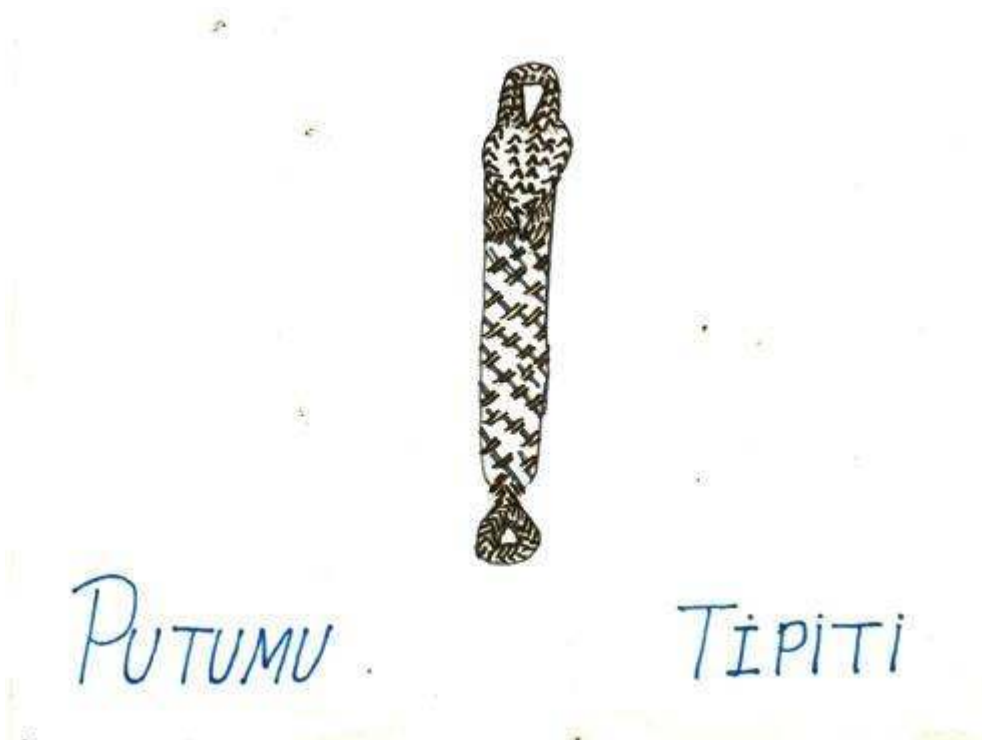
**DESENHO I – Desenho elaborado pela aluna Edna, que acompanha o texto que explica sobre como tecer tanga com miçangas**

Para suas pesquisas “etnográficas”, cada um elegeu uma pessoa, em geral adultos maduros ou mais velhos, para conduzirem esse processo, sendo seus mestres ou, como eles disseram na escola, seus orientadores. Com isso, cada moça ou rapaz traçou um percurso quase individual com seu próprio tempo. A relação de mestre/artesão e aprendiz/pesquisador foi sendo construída conforme o avanço do aprendizado de cada um. A complexidade de confecção dos diferentes tipos de artefato, o interesse e a disponibilidade de mestres e aprendizes também influenciaram cada uma dessas experiências. Uns procuraram seus mestres em suas próprias casas onde tiveram suas primeiras lições. Outros os acompanharam na floresta durante a coleta da matéria-prima. Um dos rapazes, o Calixto, decidiu filmar a entrevista que realizou para aprender a fazer *putumu*, artefato de tala de arumã usado na prensagem da mandioca ralada. Um dos alunos, o Isaías, o mesmo que mencionamos acima, entrevistado por ocasião do inventário, que naquela época era apenas um recém-aprendiz na confecção de peneiras e naquela ocasião foi sujeito entrevistado, no projeto, decidiu aperfeiçoar esse saber-fazer e se colocou no papel de pesquisador. Ele também teve um protagonismo no projeto ao atuar como monitor, reunindo os alunos aos sábados para o desenvolvimento das atividades.

Ao longo das etapas do projeto, os seis alunos participantes confeccionaram os artefatos que escolheram aprender e produziram textos e desenhos como forma de registro de suas experiências. O professor Mauro relatou que os alunos que fizeram essas investigações “etnográficas” demonstraram grande interesse pela atividade

artesanal que talvez possa ocorrer fora do âmbito escolar de forma casual, mais informal. A experiência de objetivar esses saberes tradicionais foi registrada de múltiplas maneiras (entrevistas escritas ou gravadas, vídeos, textos, desenhos etc.). Esse exercício de registrar o aprendizado como atividade de aula pode ser compreendido através do texto e desenho do jovem solteiro Calixto (desenho II) ao relatar um pouco do processo vivenciado quando acompanhou seu mestre (orientador) Gildo no aprendizado do tipiti. Gildo, casado, pai de três filhos, é um pouco mais velho que Calixto. Eles são colegas de turma na escola e Gildo faz tipiti e outros artefatos cesteiros para sua esposa, também aluna da escola, usar nos seus afazeres domésticos. Vejamos o que Calixto escreveu e desenhou sobre isso:

Este é o tipiti que foi feito com a tala de arumã. Nós fomos buscar no mato com o Gildo. Nós trouxemos 10 arumã para a aldeia, para aprender a fazer tipiti. Eu só acompanhei, vendo Gildo tecer desde o início até ao final e metade eu aprendi fazer. É assim que nós estudamos para fazer qualquer artesanato e para ensinar no futuro. (Calixto, 14.08.2013)<sup>5</sup>



**DESENHO II – Tipiti que em kaxuyana é *putumu*, desenho elaborado pelo aluno Calixto.**

<sup>5</sup> O texto original intitulado “Artesanato *Tikahsomi*” foi elaborado como atividade de aula proposta pelo professor Mauro Mühako. Nesse trecho, mantivemos a parte que está em português tal qual escrita pelo aluno e suprimimos sua versão em kaxuyana. O Desenho II ilustra o texto original.

Com vistas a encerrar este texto, saímos agora do caso Katxuyana para voltar a tratar do nosso programa. No ano de 2012, acompanhamos seis experiências realizadas em formato de projetos de pesquisa/ensino em etnoeducação, levados a cabo por professores, alunos e membros de diferentes comunidades, além dessa que acabamos de exemplificar. Dessa experiência, resultou um livro escrito a dezenas de mãos e cabeças – *Cadernos de cultura e educação para o patrimônio* (Russi *et al.*, 2012) também distribuído na rede pública de Oriximiná. No ano de 2013, além do projeto realizado pelos Katxuyana acompanhamos mais de uma dezena de outras escolas e professores, conduzindo projetos com temáticas variadas sobre saberes locais.

Imaginando que a abordagem metodológica da etnoeducação venha a ser empregada em outras experiências, temos procurado encontrar “elementos chave” que estão centrados, sobremaneira, no processo ensino/aprendizagem e na postura do professor/pesquisador, experiência essa vivenciada de forma colaborativa com alunos e membros das comunidades. O protagonismo também é palavra-chave neste processo. Como dissemos, o resultado da pesquisa do artesanato tem sido empregado como desdobramento na formação dos professores de Oriximiná. Muitos são os desafios, enorme é a disposição de aprendermos juntos – professores de Oriximiná, docentes da Universidade Federal Fluminense (UFF) e de outras universidades parceiras e alunos dos mais variados cursos de graduação. Mas este é uma assunto para outra ocasião.

#### **ADRIANA RUSSI**

Doutora em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Brasil), mestre em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e licenciada em Artes Plásticas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo. Atuou por mais de uma década como arte/educadora no ensino básico e formação de professores. Desde 2006 é docente do Departamento de Artes e Estudos Culturais da Universidade Federal Fluminense onde coordena o Programa de Extensão Educação Patrimonial em Oriximiná/PA.

Contato: adri.russitm@gmail.com

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Brasil (2000), Decreto n.º 3.551, de 4 de agosto de 2000. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa

- Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, p. 02, 7 de agosto 2000. Seção 1.
- Frikel, Protasio (1970), *Os Kaxuyana: notas etno-históricas*. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, publicações avulsas, n.º 14.
- Gallois, Dominique (org.) (2005), *Redes de relações nas Guianas*. São Paulo: Assoc. Ed. Humanitas/Fapesp.
- Girardi, Luisa (2011), *Gente do Kaxuru: mistura e transformação entre um povo indígena Karib-Guianense*. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.
- Grünwald, Rodrigo de Azeredo (2012), “Tradição”, in Antonio Carlos de Souza Lima (coord.), *Antropologia e direito: temas antropológicos para estudos jurídicos*. Rio de Janeiro/Brasília: Contra Capa/LACED/ABA, 186-197.
- Grupioni, Denise (2011), “Verbete Kaxuyana”, in Beto Ricardo; Fany Ricardo (orgs.), *Povos indígenas do Brasil (2006-2010)*. São Paulo: ISA.
- ISA – Instituto Socioambiental (2010), “População”. Consultado em 04.11.2013, em <http://www.pib.socioambiental.org/pt/povo/kaxuyana/2149>.
- Kruse, Albert (1955), “Purá, das Hóhste wesen der Arikena”, *Antropos*, 50(1-3), 404-416.
- Melatti, Julio Cezar (2011), “Guianense Oriental”. Consultado a 20.05.2012, em <http://www.juliomelatti.pro.br/areas/10guori.pdf>.
- Meira, Sérgio (2006), “A família linguística Caribe (Karib)”, *Revista de Estudos e Pesquisas*, 3(1/2), 157-174.
- Queiroz, Ruben Caixeta; Girardi, Luisa Gonçalves (2012), “Dispersão e concentração indígena nas fronteiras das Guianas: análise do caso Kaxuyana”, *Revista Brasileira do Caribe*, 13(25), 5-42.
- Rivière, Peter (1984), *Individual and Society in Guiana: A Comparative Study of Amerindian Social Organization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Rocha, Gilmar; Russi, Adriana; Alvarez, Johnny (2013), “Etnoeducação patrimonial – reflexões antropológicas em torno de uma experiência de formação de professores”, *Revista Proposições*, 24(2), 55-67.
- Russi, Adriana (2014), “*Tamiriki, pata yotono kwama*: a reconstrução de uma casa, a valorização de uma cultura e o protagonismo dos ameríndios Kaxuyana às margens do rio Cachorro (Oriximiná-PA)”. Tese de doutorado apresentada à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.
- Russi, Adriana; Alvarez; Johnny; Maciel, Sonia (orgs.) (2012), *Cadernos de cultura e educação para o patrimônio*. Niterói: s/n, v.2.
- Russi, Adriana; Rocha, Gilmar (2012a), “Artesanato tradicional em Oriximiná (PA/Brasil): aspectos de um inventário para a educação patrimonial”, *Actas del Tercer Congreso Latinoamericano de Antropología ALA*. Santiago de Chile.
- Russi, Adriana; Rocha, Gilmar (orgs.) (2012b), *Inventário do artesanato tradicional de Oriximiná: catálogo*. Niterói: s/n.

Russi, Adriana; Rocha, Gilmar (2013), “Práticas artesanais, artefatos e artesãos – alguns saberes de Oriximiná/PA revelados num inventário”, *in* Luciana Gonçalves de Carvalho (org.), *Patrimônio cultural na Amazônia: inventários e intervenções*. Santarém: UFOPA, 15-37.

UNESCO (2003), “Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial”. Paris, 17 de outubro de 2003.